

# O ESPELHO DE OJESSED NO MUNDO DOS TROUPAS

*André Martins Ziegler<sup>1</sup>*

## Resumo

Esse ensaio trata sobre uma analogia do cotidiano com O Espelho de Ojesed, um artefato mágico encontrado na literatura fictícia Harry Potter escrita pela J.K Rowling. Descrito como um perigoso espelho, que faz com que os sujeitos o observem por mostrá-los os seus desejos mais íntimos, este é relacionado com a constatação de que vivemos uma prática de cotidiano voltada à expectativa espetacular. Para desenvolver tal problematização é elaborada uma escrita ensaística, que articula o Espelho de Ojesed com os conceitos filosóficos como o de “ritornelo”, desenvolvido pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-chave: cotidiano, subjetividade, ritornelo.

## Abstract

This essay is an analogy between daily routine and The Mirror of Erised, a magical artifact founded in the fictional literature Harry Potter written by J.K Rowling. Described as a dangerous mirror, which makes the subjects observe it by showing them their most intimate desires, this essay is related to the perception that we are living a daily routine focused on the spectacular expectation. To develop such problematization is elaborate an essayist writing, which articulates the Mirror of Erised with philosophical concepts like “ritornelo”, developed by the philosophers Gilles Deleuze and Felix Guattari.

Keywords: daily routine, subjectivity, ritornello.

Para refletir sobre a prática do cotidiano no século XXI é proposto nessa escrita uma cartografia para dissertar sobre o espaço que o nosso corpo ocupa e percorre na contemporaneidade. A qual as cidades se instauraram como um dos maiores territórios que orientam o fazeres humanos, valores e modos de pensar. Cogita-se, assim, que a cidade se tornou um território sob domínio de encantos de artefatos mágicos, capazes de ordenar, reordenar e desordenar determinados corpos a ocuparem determinados locais – ocorrendo quase sempre uma manutenção de hierarquias já estabelecidas.

Afim de evidenciar os perigos de estagnar em territórios que estão a serviço de poderes já pré-estabelecidos, se faz interessante uma escrita teórica que reflita um pensar antecedente aos projetos arquitetônicos que seguem uma lógica mercantil, às paredes de concretos patriarcais e aos locais urbanos que determinam classes social e o poder pensante dos sujeitos. Logo essa forma de escrita é um esforço para transpassar territórios contaminados por valores normóticos. A qual traz conceitos de filosofia sem ter um fim no próprio campo de conhecimento, pois pretende-se criar uma escrita que se relaciona com um cotidiano (comunidade) além daquele vivido dentro da academia (comunidade científica). Dessa maneira será refletido os desejos e valores que desfiguram e refiguram as subjetividades territorializantes, que discorrem em práticas cotidianas formadoras da contemporaneidade, suas cidades, espaços fora dela e aos lugares invisíveis do afeto.

*Como praticar o cotidiano?* Quando nos deparamos com esse questionamento certamente muitas coisas nos passam pela cabeça. Me arrisco a palpitar que muitos responderiam a partir do pensamento de seus trabalhos e estudos, nas suas famílias e nos seus amigos, na padaria predileta, nos filmes e programas de TV assistidos em casa, nos animais de estimação, ou seja, basicamente tudo aquilo que está à volta. Mas e se ficarmos sozinhos?

Proponho-lhe, assim, um exercício: Esvazie a mente com o passar dos minutos, evite trazer à tona tudo aquilo que nos é externo. Respire profundamente. Feche os olhos e sinta todo o seu corpo. Imagine que só exista você nesse mundo. Preste atenção na respiração e nos batimentos cardíacos.

Agora pense novamente *Como praticar o cotidiano?* Se em um primeiro momento remeteria a uma série de atividades que estão dispostas em diferentes espaços de concreto, constituindo um mapa urbano, agora é provável que não. É difícil, extremamente difícil, praticarmos o cotidiano sem projetar a nossa imagem no primeiro objeto, lugar ou pessoa que, de alguma forma, nos façam sentirmos aceitos por uma realidade maior. Fizemos do cotidiano *O Espelho de Ojesed*. Atuamos a vida inteira para suprir expectativas jogadas na nossa cara diariamente – *você vai ser de tal time de futebol, você vai ser tal profissional, você vai ser bem sucedido, você vai ser viril e másculo, você vai ser uma mãe excelente... você não vai ser você* –, pois não sabemos quem estaremos a ser – e não busco trazer algum juízo de valor, se é necessariamente algo ruim ou bom, mas sim uma constatação do ser humano contemporâneo.

- *Como assim? Deveríamos agora viver uma filosofia “inexistencialista” e negarmos tudo que tem ao nosso redor?* - Não. Praticar o cotidiano com a plenitude de vivermos o que sentimos – reordenando e resignificando tudo aquilo que nos é imposto - não se trata de extremismo. Pelo contrário, pois quem continua a sentir as coisas do mundo, questionando e transcendente valores “normóticos”, vive um complexo processo de subjetividades que resulta em empatia - e empatia repudia atos extremistas. Não há uma filosofia, ou uma regra; não há uma doutrina, ou uma ideologia, não há um sistema e, muito menos ainda, não há um dever. Trata-se de um devir. Em outras palavras: pare de olhar *O Espelho de Ojesed*, pois ele *não vai parar de te mostrar os desejos mais íntimos*. Vais te cativar o dever de ficar observando-o. Vai te doutrinar a crer que aquela é única coisa valiosa para você. E muitos, sem a coragem de desapegar dele ou ainda sem coragem de depositar a fé em si mesmos, farão disso uma religião.

<sup>1</sup> Graduado em Artes Visuais pela UFPel (2010-2016). Formação como Agente Cultural pelo projeto Fronteiras da Diversidade UFPel (2012-2013). Co-fundador e contribuidor do grupo pesquisa e extensão Patafísica UFPel (2011-atualmente). Artista-pesquisador sobre as relações das imagens, subjetividades, corpo e contemporaneidade.

Dito como perigoso a autora J.K Rowling descreve, através de um dos seus personagens fictícios da saga Harry Potter, que *O Espelho de Ojesed* "...não nos dá nem o conhecimento nem a verdade. Já houve homens que definharam diante dele, fascinados pelo que viram, ou enlouqueceram sem saber se o que o espelho mostrava era real ou sequer possível." (2000, pg. 112). Em uma analogia podemos observar que essa descrição reflete alguns sintomas de uma sociedade contemporânea neurótica, alienada e depressiva diante de uma indústria espetacular. Talvez esses sintomas sejam o nosso corpo e a nossa mente emitindo um sinal de – *Perigo! Pare de olhar para o espelho.*

Quando digo que fizemos do cotidiano *O Espelho de Ojesed* intento alertar ao perigo de uma sociedade mergulhada em projeções de que as suas práticas diárias estão condicionadas aos desejos mais espetaculares – a um modelo de vida de sucesso. Vê-se aqui que o problema não está no desejo ou no espetáculo - pois esses podem motivar a procura da felicidade. O que refiro está na alienação e falta de um refletir das expectativas e desejos, se no acontecimento delas condiz com o que sentimos em solidão. E não podemos esclarecer esse sentir enquanto estivermos a observar as imagens espetaculares do espelho.

Ao vivermos como espectadores deixamos de praticar de fato o cotidiano, pois estamos a observá-lo com a nossas mentes projetadas em um futuro que não nos pertence. Esquecemos de experimentar o que está próximo de nós, *chegando até mesmo*, a nos afastarmos dos valores sensíveis. Nos tornamos criaturas imersas em perspectivas. Nos afastamos de nossa habilidade de dar sentido as nossas vidas – pois sempre há um objeto espetacular que faça isso por nós. Mas como quebramos o encanto do *Espelho de Ojesed*? Não seria mais fácil destruir um objeto tão perigoso?

Com certeza estas não são questões de respostas simples, e tão pouco possuem algum contra feitiço, ou poção, para resolve-las na prática. Nos abrimos para uma realidade nua e crua quase sempre desencadeia um processo doloroso. Pois temos que lidar com o fato de que, muito provavelmente, estamos longe de concretizarmos os sonhos ou algum ideal de vida – ou, ainda, lidar com o fato de que o sonho “comprado”, visto como imagens espetaculares no polido metal do espelho, não nos fazem de fato felizes.

Pela natureza de sermos-criaturas sensíveis (subjetivas) – seja no aspecto racional, emocional ou espiritual – o que nos faz seguir adiante é o encanto pela vida. Dito isso, um encanto só se quebra quando há um outro maior, ou mais alegre. Ou seja, para sairmos das ilusões do *Espelho de Ojesed* precisamos de uma outra realidade que nos traga brilho no olhar. Dessa maneira a capacidade de olhar para dentro si, e percebermos que somos por si só encantadoras criaturas, se torna essencial para não cairmos na ilusão de um outro “artefato mágico”. E ao depositarmos o encanto pela vida em nós mesmos passamos de observadores passivos para participantes. E é nessa transição a qual encontraremos a maior das nossas batalhas, é nesse momento que começamos a mudar a nossa forma de praticar o cotidiano.

Quando estamos presos ao espelho se dá uma relação bem simples. O observador passivo doa seu tempo em troca de algo que lhe distraia de si mesmo. Nosso organismo fica em um modo automatizado - *Leia-se alienado*. Uma cultura de insegurança, arrogância e opressão, por parte daqueles que tem medo de enfrentar suas próprias dores e inseguranças, acaba por ser criada em torno do objeto cultuado. No final o espelho perdura e as pessoas acabam por definir sem terem tentado o protagonismo de suas próprias vidas. O prêmio para os admiradores do *Espelho de Ojesed* é uma morte indolor.

Para os que decidem depositar esperança em si mesmos inicia uma batalha única para cada pessoa. Nos deparamos com fatores desconhecidos que constituem a vida

surgindo novas marcas em nossos corpos. Em um primeiro momento sentimos um baque ao perceber a complexidade do mundo, pois há nele muito mais coisas do que era mostrado pelo espelho – *Um mundo de estranhezas*. Nessa etapa sobrevivemos da maneira que dá, aceitamos nossa condição de imaturidade e carência. Mas também descobriremos o poder da persistência e empatia. E pois isso a hora do baque tem-se a oportunidade de um potente aprendizado, ele dá a ver as relações de força entre nós e o mundo. – *Modere nas críticas e ame-se mais*. Ninguém se abre para mundo sabendo qual é a melhor maneira de manter uma boa relação com ele e consigo mesmo. As coisas, os corpos, diferentemente do espelho não são em essência, estão e acontecem pela composição das relações – *Uma outra relação de tempo e espaço: o efêmero e a territorialização*.

O mundo é infinito em possibilidade – *Algo que gera bastantes conflitos até assimilarmos em nosso íntimo*. Errar, acertar, fracassar, hesitar fazem parte do caminhar. E ao trilhar os nossos sonhos – fala-se trilhar por que os sonhos não são encontrados, vestidos, consumidos ou comprados como um produto em uma vitrine - *é preciso questionar e reordenar a tudo o que nos foi imposto desde que nascemos*. Isso requer um processo muito íntimo e transformador. E um momento que você começa questionar o exterior consultando seus sentimentos intrínsecos. A educação, a vocação, a amizade, a terapia e a espiritualidade se tornam fortes aliadas, pois encarar a si pode ser bastante turbulento.

Surge, assim, um processo delicado e de vários tons. Podemos vir a descobrir que; aqueles velhos desejos vistos no *Espelho de Ojesed* realmente nos *façam* felizes e nos tornam protagonistas de nossas jornadas; ou que tenhamos passados um bom tempo acreditando em algo em desacordo com nosso íntimo, um desejo ilusório. Percebendo onde nos situamos entre essas possibilidades é que começamos a refinar a maneira que praticamos o cotidiano fora do encanto do espelho.

Praticar o cotidiano sem estar encantado, seja pelo espelho ou algum artefato mágico (espetacular), desencadeia um grau a mais de consciência e sensibilidade. A dor e o amor se tornam mais vividos. Transformações pessoais ocorrem com mais frequência e com elas começamos a medir a nossa liberdade. - *Até que ponto tal coisa me faz bem?* Por mais que seja complexo e dolorido medir a nossas forças no mundo esse é um processo mágico. Pois ao quebramos um encanto, que adormece a nossa capacidade de encontrar novos sentidos, acabamos por descobrir e desbravar novos mundos, novas amizades, novos sorrisos e amores. O cotidiano não mais funciona como um mapa funcional, mas sim como uma territorialidade em movimento. E para compreender um pouco mais disso *é interesse abordarmos* a respeito do “ritornelo”, um conceito desenvolvido pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari.

O conceito trata-se de um agenciamento territorial. Ele pode ser entendido como um ciclo sem fim de reterritorialização e desterritorialização – *O ser humano refazendo-se em sua essência*. Ou ainda uma captação de ritmos que constituem o desejo. O “ritornelo” supõe a existência de três dinamismos coexistentes, implicados um ao outro e que formam duas tríades sutilmente diferentes. Ele é por si o espaço transitório (buraco negro) entre estas, que a todo momento se desfaz e refaz (caos) – *Uma territorialização que forma territórios*.

Para entendermos um pouco mais as relações que atravessam o ser humano diariamente - refletindo, assim, como se dá o praticar do cotidiano - proponho em pensarmos como os três dinamismos o mundo, o sujeito e o cotidiano; e como a duas tríades o desejo-dever (primeira tríade) e o desejo-devir (segunda tríade).

As duas tríades se relacionam incessantemente em um ciclo de progressões e retrogradações, mas nos primeiros 20 e poucos anos de nossa vida os ritmos da primeira soam mais altos, pois estamos captando o mundo na perspectiva da nossa



família e da sociedade próxima a nós. Claro que ao mesmo tempo há interpretações que partem do nosso íntimo, mas acabam muito vezes sendo abafadas pelas vozes dos mais “experientes” ou ainda por construções sociais e culturais dominantes.

Partindo disso abordaremos duas constatações para refletirmos a tríade do desejo-dever. A primeira é que como parte da sensibilidade humana se tem a mimese, esta é uma faculdade que constitui outras, desde que nascemos, como: falar, ouvir, escrever. Esse fenômeno da mimese é um processo da natureza o qual não se pode fugir, pois funciona como um “despertar” do incessante processo de formação e deformação de nossa expressão – *De nos constituirmos diariamente enquanto sujeitos*. Praticamos, assim, o cotidiano pela lógica da verossimilidade. E idealizamos a nossa realidade a partir de desejos que nos foram ditos como bons ou exemplares.



Figura 1: “Ritima”. Fotomontagem. 2019. Fonte: Elaborado pelo Autor

A segunda constatação é que esse fenômeno não acaba só atrelado as capacidades cognitivas. A mimese também territorializa os nossos sentidos, sentimentos e desejos em formas de deveres. E isso não é algo julgável como ruim ou bom, apenas faz parte de “nosso DNA”. O que é passível de ser pensando em valores é quando a partir de um determinado momento de nossa existência não começamos a refletir o que está sendo assimilado por essa faculdade genética (mimese). Esse estagnamento, ou lentidão, no transitar entre uma territorialidade inconsciente e consciente, criado ao não refletirmos perspectivas já familiarizadas, instaura o principal aspecto que deturpa o desejo-dever na nossa contemporaneidade: o não valorizar, ou ainda ter

medo e repudiar, perspectivas que soam diferentes do nosso meio de criação, que são comumente gerenciados por uma figura patriarcal.

A realidade fica deturpada em sua maleabilidade por estar refinada em finas camadas que constituem desejos que negam totalmente o estranhamento – azul para menino e rosa para menina, remédio cura tudo, homem trabalha e mulher fica em casa, ciências exatas são profissões de sucesso e ciências humanas servem para hobbies, economia justifica a depredação não sustentável, pais ausentes enquanto a escola cumpre um papel de babá eletrônica, presentes caros no lugar do afeto, violência e represarias ganham espaço desde educação e empatia, crença religiosa acima das vidas dos índios e outras tribos marginalizadas, família héteronormativa acima de uma vida sexual libertadora e prazerosa, entre outros aspectos da sociedade contemporânea –. Normatizando, assim, os comportamentos cotidianos que territorializam o encanto do espelho a ponto de deturpar uma transitividade entre o desejo-dever e o desejo-devir.

Mas o encanto *não se faz tão forte só* por esses comportamentos isolados. O encanto se dá quando em uma escala maior esses comportamentos são apresentados na forma de um objeto mágico, como o *Espelho de Ojesed*. O machismo é apresentado como um homem com valores da família e provedor de comida e abrigo (um protetor), a igreja banhada a ouro, ou mergulhada em dízimos, é apresentada como detentora de uma fé salvadora (a voz de Deus); o empresário e economista *são apresentados como verdadeiros gurus*, que indicam o que é melhor para mundo por uma perspectiva puramente numérica e de lucros (portadores da prosperidade); o médico e o farmacêutico *são* apresentados como doutores e sábios por privatizarem o acesso a cura (guardiões da vitalidade); e o artista é apresentado como portador de uma beleza exemplar capaz de proporcionar uma vida de fama e ostentações (a receita da felicidade).

Dessa maneira a primeira tríade, desejo-dever, reflete que os nossos desejos acabam por ser formados por um mundo ilusório, espetacular. Os três dinamismos se comportam a maneira que o sujeito não passa de uma imagem reflexo/projetada, por apenas reproduzir aquilo lhe é familiarizado; o cotidiano é *compreendido como sendo* o próprio objeto mágico (o espelho) e o mundo se torna uma verdade que sustenta e assegura uma realidade já familiarizada, a qual não temos mais medo de viver. Em outras palavras o sujeito se torna o menos potente dos dinamismos; o espelho enquanto cotidiano acaba por continuar a desempenhar seu papel de objeto e ao mesmo tempo exibir as imagens espetaculares que constituem uma realidade verossímil; e por final o mundo torna-se um território de encantos, que iludem os sujeitos de maneira que os fazem acreditar que o espelho venha ser o próprio mundo – se tornam *trouxas* por deturpar (negar) outras possibilidades de relações de si e para com os outros.

Mas como já dito antes o “ritornelo” é *um movimento infinito*, dos entre. – *Um território em transição*. E nós humanos, *trouxas* ou não *trouxas*, cedo ou tarde acabaremos por captar as vibrações da segunda tríade, o desejo-devir. Nesse dinamismo o mundo é o mundo, não possui recortes em camadas. Muitos se assustam por ser caótico, afinal de contas quando se trata do mundo como mundo estamos falando da infinidade da diversidade – *De várias realidades*. Diante disso o desejo se torna um complexo processo emocional que reage aos estímulos de um cotidiano de ambiguidades, estranhezas e descobertas transformadoras – e não mais apenas ressoante das imagens já familiarizadas e refletidas no espelho.

O mundo e as suas realidades agora não se constituem em si mesmas, mas sim nas suas diversas e imprevisíveis relações. E por isso o sujeito poderá viver um cotidiano com práticas que partem de um devir. Logo, na segunda tríade, o mundo se apresenta na sua totalidade nua e crua e o desejo se relaciona como uma espécie de catalizador, que mais do que assimilar, ele ecoa o que está a ser sentindo. Aqui o sujeito atua como mediador dos três dinamismos (dele mesmo, do cotidiano e mundo) se constitui enquanto efêmero e sensível aos atravessamentos caóticos – *Quando preso em um*



*território de encantos readquire a capacidade de transitar.*

Quando se dá a prática do cotidiano através de práticas do devir os sentimentos se intensificam. As relações transformam nosso corpo e mente de maneiras imprevisíveis, mas isso não quer dizer que tenhamos superado o nosso medo do caos – *E aí que muitos voltam a olhar para o espelho.* Por termos passado tempo demais sob o encanto dele avaliamos a nossa força através do que está a nossa volta. - *Quantos likes e followers terei na rede social? Quantos prêmios e títulos preciso para ser o melhor? Até idade tal já tenho que estar no topo do mundo? - Não digo que estás coisas não reflitam de fato um merecimento* e amadurecimento por conta de uma vida de dedicações, mas elas ainda seguem a lógica de um desejo-dever.

Isso ocorre porque não estamos acostumados a nos bastarmos. *Não tivemos tempo para descobrir solitude na solidão – Um amadurecimento das emoções.* Pois sempre estávamos junto ao espelho ou com outras pessoas que estariam a olhar para o espelho. Se tornou quase insuportável passar algum tempo sozinho – *Como viverei sem algo para me distrair?* Claro que como seres sensíveis não é saudável vivermos na solidão, mas há momentos da vida que precisamos lidar com isso – *E aí se dá importância de descobrirmos a nossa solitude.*

Não poderia citar vivências que partem de sistemas e comportamentos dominantes, pois o desejo-dever é um momento da transitividade o qual captamos mais intensamente os territórios de nosso íntimo – *O que não exclui a possibilidade de serem praticados coletivamente.* Dessa maneira vou ao encontro de uma prática artística vivida por mim. A qual através de fotografia e edição digital reordeno e recrio lugares cotidianos com elementos surreais e fantásticos. Se um primeiro momento tentaria formar imagens pensadas na mesma lógica às mostradas no espelho – um ideal de beleza vazio em afeto - posteriormente se tornariam um processo devir. Mais do que discursar sobre a visualidade das imagens, pude despertar um lado mediador sobre a minha existência.



Figura 02: Cartografias do Molhes do Cassino. 2014. Fotografia. Fonte: Elaborado pelo Autor

Por conseguinte, a essa percepção, adotei o caráter propositivo e sensível do “eu mediador” em minhas vivências cotidianas, como uma espécie de estudo comportamental de meu corpo. Através da fotografia registraria o banal cotidiano; o simples movimento da água, os olhares afetivos de amigos e sobreposições imagéticas

entre humanos, animais e plantas formariam imagens dialéticas<sup>2</sup> que condensariam por algum instante os corpos já acostumados com um frenético e exaustivo cotidiano regido por um produzir pelo produzir - e não um produzir pelo processo de conquistar um espaço que condicione um amadurecimento e uma transcendência dos nossos próprios sentidos.

Através da contemplação das imagens cristalizadas, seja através do olhar, da memória, lente da câmera fotográfica, na tela do monitor, ou ainda, pendurados em um quadro, perceberia o acontecimento de um processo de subjetivação do cotidiano que proporciona um estado de ritual ao meu corpo – que cria aos poucos uma resistência aos encantos do espelho.



Figura 03: “Pássaros ao mar!”, Fotomontagem. 2014. Fonte: Elaborado pelo Autor

Meu corpo ao entrar estado desacelerado do contemplador tornaria a enxergar as coisas que não fossem úteis ou espetaculares, florescendo um sentimento além daquele da superficialidade de um personagem que realiza expectativas normativas vindas de algum consenso externo e comum – até então meu corpo produziria inconscientemente afim de validar sua existência em uma sociedade condicionada por um pensamento mercantil. Relaciono, então, esse estado desacelerado com o pensamento de Allan Kaprow em que nos diz que o ritual “está longe de ser meramente imitativo; ele faz com que os adoradores participem do próprio acontecimento sagrado” (2004, p. 170). Encaro, assim, a subjetivação do cotidiano como um ritual de participação em uma contemporaneidade marcada por abundantes produções e compartilhamentos de imagens que possibilitam ao indivíduo [re]criar e refletir os diversos sentimentos despertados.

<sup>2</sup> O filósofo Walter Benjamin estabelece que a imagem dialética articula/joga fluxos de reflexões no qual a imagem pode alcançar diferentes amplitudes cognitivas. Propõe ainda que a imagem não possui uma relação temporal, mas uma relação dialética do salto, dos “entres”, ou ainda, das camadas. Reflete-se, assim, que o sujeito não se figura somente pelas afinidades com as tendências das imagens encontradas No cotidiano, mas também pelos conflitos e ressignificações atemporais dessas.



Mas esta prática do devir também possui também deturpações, pois o “ritornelo” reflete que todos esses dinamismos se fazem ao mesmo tempo. Levando, dessa maneira, a uma consideração de que se ao evidenciamos o desejo-dever deturpado por encantos espetaculares também devemos cuidar para não cairmos nos dinamismos ditatoriais do desejo-devir – Pois estes normalmente fazem dos objetos espetaculares uma ferramenta de poder. No dinamismo da segunda tríade pode ocorrer uma perigosa convicção cega de valores que partem de um íntimo ressoante em conturbações. Pois na tentativa de transitar sem desapegar de seus desejo-dever deturpados acaba por confundir um devir com um dever arrogante e ganancioso, a ponto de gerar territórios “holocausticos”.

Entende-se, então, que as duas tríades e o buraco negro entre elas são necessários na constituição de um estado de si que sempre está a desfazer e se refazer, mas que sofre deturpações por conta de um medo do caos - o qual gera preconceitos e sistemas dominantes/normatizantes que incitam radicalismos e opressões que obstruem a órbita dos corpos (de si mesmo e dos outros) em sua essência de reterritorialização e desterritorialização (busca de novos sentidos).

Como já expressei nessa escrita essa reflexão não se trata a um repúdio do desejo-dever, mas sim uma elucidação de que não podemos ficar presos ao espetáculo proporcionado por ele. Pois uma das naturezas universais é de que tudo está em movimento, tudo está em processo de transformação. Ao captarmos somente as vibrações de uma das tríades, ou até mesmo somente do espaço entre elas, interrompemos essa natureza (que pode ser entendida como o próprio “ritornelo”), surgindo aspectos de um componente vivo adoecido – Observe como a depressão, ansiedade, bipolaridades e fobias estão sendo evidenciadas na atualidade.

Precisamos cuidar de nossos sentimentos internos e encontramos nosso ponto de equilíbrio nas estranhezas e ambivalências do mundo para que possamos florescer prósperos e empáticos uns com outros. Ainda ecoamos nos perigos da censura, doutrinação e opressão por aqueles que querem fazer do próprio “ritornelo” o Espelho de Ojesed, pois não aceitam desapegar dos desejos que lhe concedem poder ou alguma ilusão dele. Já que por passarem tanto tempo vibrando na primeira tríade acreditam serem reis e rainhas dos mundos, das coisas e dos seres que ressoam neste dinamismo. Mas na verdade se tornaram trouxas (termo presente na obra literária Harry Potter que remete aos seres não mágicos) por não acreditarem no que lhe é estranho. Perdendo, assim, a capacidade mágica de se relacionarem com novas descobertas, saberes e relações – não aceitam novas marcas em seus corpos, e acabam por perder sua capacidade de se darem novos sentidos.

Por alguns de nós estarmos tão acostumados a sermos movidos por desejos espetaculares, fazemos do observar as imagens do espelho um culto. Qualquer intenção para acabar com o encanto acaba por desencadear valores destrutivos à vida – dogmas religiosos, saudosismos militares e radicalismo político acabam por surgir para assegurar a continuidade do acesso aos desejos ilusórios. Nesse momento, então, reflito o segundo questionamento feito nessa escrita. - *Não seria mais fácil destruir um objeto tão perigoso?*

Acredito que seja impossível destruir o *Espelho de Ojesed*, ou que não seja uma boa empreitada. Primeiro muitos irão lutar com todas as forças para defendê-lo, ocasionando um grande distúrbio em nossa transitividade. E segundo que ao ser destruído os que não estão preparados para deixar de vibrar somente da primeira tríade irão encontrar um outro objeto, ou até mesmo indivíduos, que lhe asseguram uma distração de si mesmos. Acabando por dá-los o mesmo poder de encanto do espelho, que geram outros dinamismos deturpados.

Talvez esses artefatos mágicos tenham sido projetados pelo universo para dar algum

tempo inicial em nossa jornada, mas alguns acabaram por se viciar neles. Criando (consciente ou inconscientemente) territórios de dinamismos opressores e destruidores até mesmo para aqueles que se afastam ou tentam quebrar com os encantos.

Contudo acredito que tenhamos amadurecido a nossa percepção de que estamos a todo momento em processo de reterritorialização e desterritorialização. E o buraco negro (“ritornelo”) aos poucos não está mais sendo visto somente com medo, como um portal que reflete o nosso vazio existencial, mas também está sendo encarado com a esperança de ser caminho para novas descobertas de si, do mundo e de relações que constituem a vida – *Seguir adiante com práticas cotidianas que acendam um brilho no olhar.*

Ao refletirmos sobre a nossa prática cotidiana, conciliando o externo e o interno, podemos perceber que uma hora somos observadores e outras protagonistas. E ao fazer pazes com o fato de que mudamos a todo tempo, e que outros mudam de maneira diferente a nossa, deixamos de ser *trouxas*. Pois esse sentir nos torna criaturas mágicas por (re)descobrimos a nossa capacidade de (re)significar as relações que constituem os territórios que transitamos – *Compreendemos, assim, o poder da empatia de constituir territórios sensíveis.* E talvez assim, se faça um praticar de cotidiano que regaste os valores à vida, nas suas diversidades, efemeridades e estranhezas, seja enquanto observadores de um mundo com artefatos mágicos ou como protagonistas de um mundo caos.



Figura 04: “Metamorfal”. Fotomontagem. 2018. Fonte: Elaborado pelo Autor

## Referências Bibliográficas

DELEUZE, Giles, GUATARRI, Felix. *Certa do Ritorno*. publicado em: Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia, Volume 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005. pp. 115-170.

ROLNIK, Suely. *Geopolítica da Cafetinagem*. PUC – SP. São Paulo. 2006. Disponível em: <http://eipcp.net/transversal/1106/rolnik/pt> Acesso em: 05 de março de 2019.

ROLNIK, Suely. *Ninguém é Deleuziano*. Disponível em: <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/23/ninguem-e-deleuziano-suely-rolnik> Acessado em: 13 de agosto de 2018.

ROLNIK, Suely. *Subjetividade Antropofágica*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm> Acessado em: 29 de agosto de 2015.

ROWLING, J.K. Rowling. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Edição Pottermore Limited em 2013.

ROUILLÉ, André. *A Fotografia – Entre Documento e Artes Contemporânea*. Editora Senac São Paulo. São Paulo. 2009.

SOUZA, Renato Santos. *A normose Acadêmica*. Publicado no livro “Lia, mas não escrevia (livro eletrônico): contos, crônicas e poesias.” Porto Alegre: LFM do Nascimento, 2014. Disponível em: <http://luisfelipenascimento.net/download-livro-lia-mas-nao-escrevia> Acesso: 15 de jul. 2018.